

INTRODUÇÃO



*O Espírito da Coisa*

(Aninha entra, senta-se no canto do palco com um ursinho de pelúcia no braço, tira do bolso uma caixinha de música e abre, entra a punk e cortam a música.)

PUNK - Aninha! O pai da Kika tomou um porre e tá lá na esquina do buteco.

ANINHA - Há, vai dizer que tu nunca tomou um porre?

PUNK - Claro que não. A mamãe não deixa, porque eu sou muito pequena.

ANINHA - Deixa de caretice! Essa onda já era. Pô cara! Te moderniza.

PUNK - Ah, vai dizer que eu não estou na modinha?

ANINHA - Qual é meu! Chama esses trapos de roupa?.

PUNK - Ah é! Eu vou contar pra mamãe.

ANINHA - Pode contar ela vai te dar um pau mesmo.

MAE - Qual é o motivo dessa discussão? O Brasil já está cheio de conflitos e vocês procurando mais um.

ANINHA - (Começa a debochar)

MÃE - Olha o respeito menina! Eu sou tua mãe, não tua empregada.

PUNK - Pô, não fala assim com a mamãe.

MÃE - Nós precisamos explorar mais a nossa cultura. (Vira para o público) Ir mais ao teatro. A cultura no Brasil está em decadência.

Hoje iremos assistir a peça "O espírito da Coisa",

interpretada por um grupo amador de estudantes da Escola Mauá.

(Vira-se para as meninas, e olha para o relógio)  
Olha só, já estamos ensima da hora. Meninas vamos lá!

( A Mãe vai em direção das cortinas, a punk a segue e Aninha também. Aninha volta para buscar o ursinho e a caixinha de música, e volta para junto da mãe. Saem de cena. Abrem-se as cortina e começa o primeiro Ato)





## O ESPÍRITO DA COISA

COMÉDIA EM DOIS ATOS

**CENÁRIO:** Uma rua qualquer, bem em frente a um Motel.

### PERSONAGENS:

- MORIGERADO - um religioso
- ARLINDO - um jovem moderno de estilo fanfarrão
- VELHO ROCHÁ - um velhinho tradicional, de chapéu e bengala
- DONÁ MARIETA - uma velhinha moderna, esposa do Velho Rocha, mãe de Santinha, e usa uma meia preta em uma das pernas
- SANTINHA - uma menina certinha, de uniforme de normalista, crente e estudiosa
- VEROCA - homossexual masculino
- PIVETE - um engraxate, que fica na porta do Motel
- MOÇA - uma prostituta
- MÚSICOS



(Música ao vivo enquanto o pano é aberto. Cantora e violonista interpretam uma canção qualquer. Em cena estão: segundo plano, Arlindo conversando com o Pivete e olhando seguidamente o relógio. Em primeiro plano, está o Morigerado apreciando a interpretação com ar de idiota encantado. Encerrada a música, ele é o que mais aplaude, aproximando-se do casal, falando com sotaque de religioso)

MORIGERADO - Que bonito, que bonito! Palmas, palmas, muitas palmas. Deixem eu apertar a mão de vocês. Eu sou o Morigerado, o que não faz nada errado. Que bonita essa música. Que maravilha! Cantem outra. Cantem aquela: Glória, Glória, aleluia. (os músicos vão-se retirando e tomando a direção do Motel, sem darem bola ao Morigerado.) Glória, Glória, aleluia. (ao dar-se conta de que está só, corre até a porta do Motel gritando) Não, aí não. (Virando-se para Arlindo e agarrando-o) Você viu, meu jovem? Que perdição está o mundo.

ARLINDO - (Esquivando-se) Que isso cara?

MORIGERADO - (Apresentando-se) Eu sou o Morigerado. O que não faz nada errado.

PIVETE - (Sentado contra as costas da cadeira de frente para o público)  
Pobre vida de Pivete  
Nessa porta de Motel  
Enquanto lá todos gozam  
Eu aqui neste papel.

MORIGERADO - (Perguntando a Arlindo) É louco este?

ARLINDO - Louco nada. É que ele é surdo. Então ele fala bem alto para ver se ele mesmo escuta. E o senhor é mori...mori o quê?

MORIGERADO - Morigerado. O que não faz nada errado. Sente-se aqui, meu filho. Vamos ler uns Salmos.

ARLINDO - Que Salmo, que nada, seu refrigerado.

MORIGERADO - Morigerado, filho; Mo-ri-ge-ra-do. UM homem de vida limpa. Um homem puro.

ARLINDO - Só se é pura graxa. (Diz olhando para o corpo do Morigerado)

PIVETE - Se esta rua fosse minha  
Eu mandava ladrilhar  
Com pedaços de navalha  
Só pra turma se lascar



MORIGERADO - (À Arlindo) Como é seu nome meu filho?

ARLINDO -- Arlindo

MORIGERADO - Arlindo. Que bonito. Vamos ler os Salmos, Arlindo.

ARLINDO - Que lê Salmo coisa nenhuma. Eu tô esperando a Santinha.

MORIGERADO - Santinha. E quem é Santinha?

ARLINDO - É minha namorada, ora. Hoje nós vamos fazer a maior porra nesta zorra.  
Quer dizer. A maior zorra nesta porra.

MORIGERADO - Meu filho. Vamos abandonar os espíritos malignos que andam pelo mundo  
para perverterem as almas.

PIVETE - Se eu fosse um peixinho  
Soubesse nadar  
Jogava gelo na turma  
Pra todo mundo broxar.

VELHO ROCHA - (Entrando) Marieta, Marieta. Seu Morigerado, o senhor não viu a minha  
velha Marieta, por aí?

MORIGERADO - Que Marieta, Velho Rocha?

VELHO ROCHA - A Marieta. A que tem uma perna preta. (Saindo) Marieta, Marieta.

MORIGERADO - Então Santinha é a sua namorada?

ARLINDO - É. A gente tá curtindo umas que dentro dumas não tem nenhuma.

MORIGERADO - ( Repete tais palavras confundindo-as)

ARLINDO - É. Eu rasguei a orelha dela, morou!

MORIGERADO - Que horror, filho.

ARLINDO - E ela fez a minha cabeça.

MORIGERADO - Que cabeça, filho?

D. MARIETA - (Entrando em sentido contrário ao Velho Rocha) Meus senhores, meus se-



nhores. Por acaso os senhores não viram o Velho Rocha por aí?

ARLINDO - Eu vi um velho broxa passar por aqui.

MORIGERADO - Dona Marieta, como vai a sua perna preta?

M. MARIETA - Vai bem, seu Morigerado, vai muito bem. (Saindo) Velho Rocha, Velho...

PIVETE - Se Pivete fosse pro céu  
Não iria descansar  
São Pedro ia dar pra ele  
Um sapato pra engraxar

MORIGERADO - Santinha. Santinha deve ser uma... uma Santinha?

ARLINDO - É. Conforme a hora, ela ajoelha e reza.

MORIGERADO - Reza, filho?

ARLINDO - Reza, mas é reza curta.

MORIGERADO - De olhinhos fechados?

ARLINDO - Bem fechados.

MORIGERADO - De boquinha aberta?

ARLINDO - Escancarada.

MORIGERADO - Segurando o livrinho?

ARLINDO - Segurando e mordendo.

MORIGERADO - Mordendo o livrinho?

ARLINDO - Não, quer dizer...ah! Não adianta, tu não entendes o espírito da coisa.

MORIGERADO - Claro que entendo, filho. um espírito magnânimo, iluminado.

ARLINDO - Que iluminado nada. Um espírito ceguinho, bem ceguinho. (olha para o relógio e para os lados à espera de alguém. Vai ao Pivete) Tu não viu mesmo uma moça...





PIVETE - Eu vi uma moça loira  
Com um velhinho careca  
Ela queria dinheiro  
E ele uma perereca.

MOÇA - (Sai do Motel, cruza o palco rebolando. Morigerado tapa o rosto.  
Moça sai. Arlindo sai atrás e se pecha com o Velho Rocha)

VELHO ROCHA - Marieta. A minha velha, o senhor, não viu a minha velha?

ARLINDO - (Incomodado) Não, velho bororocha. (Sai)

VELHO ROCHA - Venha cá, venha cá, meu rapaz. (Arlindo volta) Como é mesmo o seu nome?

ARLINDO - Arlindo. Por quê?

VELHO ROCHA - Arlindo Orlando. Volte para o seio de sua amada. Ela espera vê-lo com o pára-choque duro.

MOÇA - (Volta ao palco num desfile e dirige-se ao Morigerado) Fofura, tu tem fogo aí?

MORIGERADO - (Protegendo-se para não cair em tentação) Nem aqui, nem em lugar algum, filha. Meu fósforo já nasceu apagado.

MOÇA - Ah! Bobagem, gordinho. Vamo encará?

MORIGERADO - Afasta-te de mim, Satanás.

MOÇA - Vem cá, fofura. (Morigerado foge e Moça persegue-o. Pecham-se com Veroca que entra. Dá uma volta humorística e vai ao Morigerado)

VEROCA - Gordinho. Tu não viste o Arlindo por aí?

MORIGERADO - Santinha.

MOÇA - (Dá uma rabanada e entra no motel)

VEROCA - Veroca, gordinho. Então tu não me conhece mais é?

Mas Veroca é nome de mulher, filho.



VEROCA - E tu não entendes o espírito da coisa?

MORIGERADO - Sim, claro! Um espírito magnânimo, iluminado.

ARLINDO - (Entrando) Veroca.

VEROCA - Arlindo. (Abraçam-se e encaminham-se para o Motel).

MORIGERADO- Arlindo. E Santinha?

ARLINDO- Diz pra ela que eu fiquei de cara com ela. (Entram no Motel)

MORIGERADO - (Volta a sentar, sacudindo a cabeça e vai ler)

VELHO ROCHA E D. MARIETA - (Cruzam-se, sem se ver, chamando um pelo outro e param nas extremidades contrárias)

PIVETE - Ser velho é ser mosca tonta  
É tossir e enxergar pouco  
Passa o velho, passa a velha  
E um não enxerga o outro.

VELHOS - (Voltam-se lentamente como se reconhecessem, e falam juntos)

VELHO ROCHA - A senhora não viu...Marieta!

D. MARIETA - O senhor não viu.. Velho Rocha!

VELHO ROCHA - Há quanto tempo a gente não se vê minha velha.

D. MARIETA - É verdade, meu velho. Eu principalmente faz muito tempo que não te vendo mais nada.

VELHO ROCHA - É...minha velha, eu tenho uma pergunta importantíssima para lhe fazer. Onde é que você botou meu xarope de alcatrão?

D. MARIETA - (Modernizando-se) Velho. Cai na real, velho. Vê se te manca. As flores murchas, jamais desabrocharão novamente.

VELHO ROCHA - Minha velha. Não me fale no verbo cair, em coisas que caem. Eu já estou traumatizado com tanta coisa caindo.





D. MARIETA - Eu sei, velho, tu já tá com a flor murcha.

VELHO ROCHA - Que conversa é esta, Marieta? Que linguagem mais testicular.

D. MARIETA - Velho. Tu já tá marcando bobeira. Vê se te flagra, as horas estão passando.

VELHO ROCHA - Mas, Marieta. Eu só quero o meu xarope de alcatrão.

D. MARIETA - Fica frio, velho. Tu já não entendes o espírito da coisa.

VELHO ROCHA - E como é que eu vou entender o espírito da coisa se a minha coisa já nem tem espírito, Marieta?

D. MARIETA - Pode crer. O negócio é esperar que pinte o lance.

VELHO ROCHA - Claro, claro, Marieta. Vamos esperar que pinte o lance. Mas....e eu sei lá o que quer dizer pinte o lance, Marieta?

D. MARIETA - Pinte o lance, velho. O canal, entende? O lance da massa.

VELHO ROCHA - Ah! Sim, da massa. Não entendi nada.

D. MARIETA - Velho, se a gente não se enrolar, não pinta o lance, não fica frau, sacou?

VELHO ROCHA - Sacou, sacou...(Olha pra braguilha) Não Marieta.

D. MARIETA - Que que há? Tá bebum, tá?

VELHO ROCHA - (Sai falando sozinho) Sacou, tá bebum, pinta o lance da massa no canal. Minha velha enloqueceu.

PIVETE - Velho quando fica velho  
Toma chá de manjerona  
- Mas se o velho enrola a língua  
Então nada mais funciona

D. MARIETA - (Ao Morigerado) É triste a velhice, não é, seu Morigerado? (senta desconsolada)

MORIGERADO - Que nada, Dona Marieta. Velhice é experiência, é sabedoria, é estar a dois passos do paríso. (música)



D. MARIETA - Mas o que gente quer com o paraíso, seu Morigerado?

MORIGERADO - Não diga isso, Dona Marieta. No paraíso não há perna preta, os anjinhos cantam canções celestiais que dignificam todos aqueles que, como eu, levam uma vida exemplar, de bons costumes. (Vai baixando a voz com palavras incompreensíveis, e Marieta vai adormecendo enquanto o Morigerado pega novamente o livro)

MOÇA - (Sai do Motel)

VELHO ROCHA - (Entra e acompanha os movimentos da Moça de alto a baixo)

MOÇA - Tirando uma palha, vovô?

VELHO ROCHA - A senhorita é comprometida?

MOÇA - Claro que não, vovô.

VELHO ROCHA - É! Então poderia acompanhar-me até a minha casa?

MOÇA - Vovozinho malandro, não é? E o que é que eu vou fazer na tua casa?

VELHO ROCHA - Me ajudar a procurar o meu xarope de alcatrão que eu não consigo encontrar.

MOÇA - Tolinho. Vem cá comigo que eu tenho um xaropezinho legal pra ti. (Pega o velho pela mão e carrega-o para o Motel)

VELHO ROCHA - Mas eu queria o meu xarope de alcatrão.

PIVETE - (Vai acordar D. Marieta)

Marieta perna preta  
Acorda imediatamente  
Velho Rocha foi tomar  
Um xarope diferente

D. MARIETA - Não se aflijas, meu Pivete  
Comigo está tudo bem  
Se o velho foi-se assanhar  
A gente vai lá também  
  
(Entram no Motel)



MORIGERADO - (Corre até a porta do Motel) Não, não, aí não, Dona Marieta. A senhora vai machucar sua perna preta. (Desistindo) Que mundo. Que mundo.

SANTINHA - (Entra e caminha nervosamente olhando o relógio. Pouco depois saem Arlindo e Veroça abraçados de dentro Motel. Vão saindo de cena) Arlindo?

ARLINDO - Santinha?

VEROCA - Tchau, Arlindão, até amanhã. (Atira beijinhos)

SANTINHA - Arlindo. Como se explica isso?

ARLINDO - É preciso explicar?

SANTINHA - Claro, que precisa. Quem é a figurinha?

ARLINDO - Um amiguinho. Apenas um amiguinho.

SANTINHA - E o que vocês estavam fazendo, dentro de um Motel?

ARLINDO - Discutindo as eleições diretas.

SANTINHA - Isso compete ao Congresso, Arlindo. O professor do Cursinho disse que toda a emenda Constitucional tem de passar pelo Congresso Nacional.

ARLINDO - Bom, mas o povo pode ter opinião, não pode?

SANTINHA - O professor de Cursinho disse que em toda história brasileira os acordos são sempre feitos pelas elites. O povo sempre fica de fora, pois não tem esclarecimento e é muito violento.

ARLINDO - Mas o governo está disposto a negociar.

SANTINHA - Mas nós devemos evitar os conflitos, porque o nosso professor de Física disse que a toda ação corresponde uma reação igual a contrária.

ARLINDO - Chega. Já tô cheio de ouvir falar em professor de Cursinho, tá legal?

SANTINHA - Arlindo, não te irrites. O professor Carvalho de Biologia disse que a irritação consome adrenalina.



ARLINDO - Pois pra mim esse tal de Carvalho é veado, tá?

SANTINHA - Não é, não. Ele e o Lessa são tri-legal.

ARLINDO - É tudo uma cambada de safado.

SANTINHA - Menos o professor Pedro de Português. Este só usa linguagem erudita.

SANTINHA - Tá legal, Santinha. Vamos parar com a briga tá? Tu sabes que eu te amo, né?

SANTINHA - Só se declameres uma poesia romântica como o meu professor de Literatura.

ARLINDO - Eu não sei declamar.

SANTINHA - És calculista como meu professor de Matemática.

ARLINDO - Tá bom, tá bom, esquece. Porque demoraste tanto?

SANTINHA - É que o papai e a mamãe não estão em casa e eu não tinha ordem para sair.

ARLINDO - E onde é que eles estão agora?

SANTINHA - Devem estar na sociedade dos velhinhos caridosos.

ARLINDO - (Olhando para o Motel) Será?

SANTINHA - Claro que sim. E vamos sair desta esquina horrorosa. O irmão Morigerado sempre diz que esta é a esquina do pecado.

ARLINDO - O irmão Morigerado não me disse que ti conhecia. Eu falei com ele há pouco.

SANTINHA - Por certo esqueceu. Vamos embora.



ARLINDO - Tu não queres entrar um pouquinho neste templo?

SANTINHA - Não.

ARLINDO - Ah! vamos. Só um pouquinho.

SANTINHA - Não. Papai e mamãe já devem estar à minha espera.

ARLINDO - (Olha para o Motel novamente) Será?

SANTINHA - Claro que sim. O Velho Rocha e Dona Marieta não jantam enquanto eu não chego em casa.  
(Saem do Motel Marieta e o Pivete também às gargalhadas)

SANTINHA - Mamãe! Que fazes aqui?

M. MARIETA - Nada, nada, filhinha. Eu só vim aqui ensinar uma homeopatia para o Pivete aqui.

SANTINHA - Mamãe. Como, tu és generosa. Até esqueces que o tratamento homeopático ainda não superou o alopático.

M. MARIETA - Eu sei, filhinha. Mas o homeopático é mais econômico.

SANTINHA - Mamãe. Economia se faz com a prevenção e não com terapia.

M. MARIETA - Está bem, filhinha. Então vamos embora.

ARLINDO - Pera aí. E eu como é que fico?

M. MARIETA - Quem é o senhor?

ARLINDO - Seu vizinho de quarto aí no...

M. MARIETA - (Tapa a boca de Arlindo)

SANTINHA - Mamãe. Esse é Arlindo, meu confrade.

ARLINDO - Teu o quê?

SANTINHA - Meu confrade, meu colega.







PIVETE - (Entra no Motel)

D. MARIETA - Está muito bem, filhinha. Mas vamos embora que o Velho Rocha deve estar nos esperando para o jantar.

SANTINHA - Sim, mamãe, vamos.

PIVETE - (Saindo do Motel)

Seu Arlindo, seu Arlindo

Venha cá me socorrer

Se não andarmos depressa

O velhinho vai morrer

ARLINDO - (Entra com o guarda no Motel e saem em seguida carregando o Velho Rocha numa maca. As mulheres vão ajudar)

SANTINHA - Papai, que foi que houve, papai?

VELHO ROCHA - Ai, filhinha, fui atropelado por um V8.

MOÇA - (Sai do Motel e vem até a ribalta)

Não foi nada, não. Apenas uma dose dupla do xarope de alcatrão.

(Fecha o pano com o Velho Rocha sentado na maca, abandonando-se com o chapéu, sob olhares estupefatos de todos.)

FIM DO PRIMEIRO ATO



(O cenário é o mesmo. Em cena, está o Morigerado com malas, guarda-chuva e apetrechos de viagem. Ele demonstra uma certa desolação. Os músicos cruzam o palco, cumprimentam-no e ele mal responde com um abano desinteressado, enquanto ajeita os apetrechos.)

MORIGERADO - O mundo está perdido. Vou embora desta cidade pe-  
caminosa.

(Pede carona. Um carro passa, ele acompanha a pas-  
sagem com movimento de cabeça da esquerda para a  
direita. Entra Arlindo, fica à sua direita. Ace-  
na do carro se repete com a solidariedade de Ar-  
lindo. Entra o Velho Rocha, idem. Entra o Pivete  
idem. Do quinto para o sexto carro, a Moça cruza  
o palco em sentido contrário ao do carro, fazendo  
com que os três alterem o sentido do movimen-  
to da cabeça em relação ao Morigerado. Os três  
saem atrás da Moça, parando à esquerda do palco.  
Veroca junta-se ao grupo. O Pivete vai para seu  
lugar. O Morigerado sozinho, inverte os movimen-  
tos ao pedir carona. Repete-se a cena com Dona  
Marieta, a Cantora, a Moça. Quem cruza o palco  
em sentido contrário agora é o músico. Repete-  
se a cena com as mulheres saindo atrás dele e  
parando à direita do palco. Santinha junta-se ao  
grupo.) O mundo está perdido, ninguém me dá ou-  
vido.

PIVETE - Que coisa absurda  
O que acontece agora  
A peça recomeça  
E o irmão já vai embora.

ARLINDO - Por que ficar zangado, irmão Morigerado?

MORIGERADO - O mundo está perdido, ninguém me dá ouvido.

SANTINHA - Irmão fique com a gente, procure estar contente.



VELHO ROCHA - É mesmo, irmão, desista, é perigosa a pista.

MORIGERADO - Eu quero ir embora, chegou a minha hora.

D. MARIETA - Irmão, que teimosia, lá fora a noite é fria.

VEROCA - E a noite fria da vida faz muito mal pra hexiga.

MORIGERADO - O mundo está perdido, ninguém me dá ouvido.

MOÇA - Ir embora é besteira, sempre vai haver sujeira.

SANTINHA - A sujeira a gente limpa com vassoura e boa tinta.

MORIGERADO - Quero ir embora, chegou a minha hora.

VELHO ROCHA - Porque o senhor não fica e assume a sua luta?

MORIGERADO - Pra ver velho se assanhando em Motel com prostituta?

MOÇA - (Velho saindo) Prostituta uma ova, profissional do prazer.

MORIGERADO - Que profissional seria quem vergonha não quer ter.

ARLINDO - (Moça saindo) Um pastor não abandona suas pobres o-velhinhas.

MORIGERADO - Nunca falta bom com pena das coitadinhas.

D. MARIETA - (Arlindo saindo) Teu dever de religioso te obriga a ficar conosco.

MORIGERADO - Seu dever de velhotinha é lá perto da cozinha.

VEROCA - (Marieta saindo) Que tolice, irmão Morigerado, solte o guarda-chuva aqui.

MORIGERADO - Guarda-chuva nesta idade é a tua especialidade?

PIVETE - (Veroca saindo) É bom que o irmão se vá e pare de atrapalhar.

MORIGERADO - E é bom que o menino resolva tratar de dormir na alcova.



SANTINHA - (Aproxima-se do irmão, enquanto os músicos assumem a posição inicial do primeiro ato) Meu irmão Morigerado, permaneça ao nosso lado.

MORIGERADO - Não adianta, Santinha, e a culpa não é minha.

SANTINHA - Mas, irmão, todos nós estimamos muito o senhor. Ninguém deseja que o senhor vá. Ao contrário, todos desejamos que o senhor fique. E isso é prova de uma grande amizade.

MORIGERADO - Se todos fossem meus amigos, ouviriam meus apelos.

SANTINHA - Mas nós ouvimos, irmão, pode crer.

MORIGERADO - Não sei quando.

SANTINHA - Sempre.

MORIGERADO - Ouvem nada, a devassidão tomou conta dessa gente.

SANTINHA - Não seja ingrato, irmão.

MORIGERADO - Ah! E eu é que sou ingrato, é?

SANTINHA - É claro, irmão. Todos aqui são pessoas de bem, moralistas.

MORIGERADO - (Com a mão sobre a cabeça de Santinha) Claro, filha, claro.

SANTINHA - E não são, irmão? Olhe, o senhor quer ver como eles são pessoas de bem e adoram o senhor de verdade? Venha comigo. (Descem para a platéia) Olha, o senhor vai ficar sentadinho aqui me esperando enquanto eu vou lá dar uma palavrinha rápida com a turma já volto, tá? (Sobe ao palco) Não saia daí. (Sai de cena, enquanto os músicos cantam uma nova canção. Terminada a música, saem os músicos, entra Arlindo, e se dirige ao Pivete.)



ARLINDO - Caríssimo enfiáxate deste antro de prazeres indecentes..

PIVETE - Que quereis, caro mancebo  
Em que vos posso ser útil  
Em que vos pode ajudar  
Esta pobre coisa fútil?



ARLINDO - Poderíeis dizer-me se vistes minha angelical namorada?  
Uma moça...(Repete as características da moça) uniforme azul anil, pelo amor do meu Brasil.

PIVETE - Eu vi uma moça loira  
Com um velhinho baixinho  
Pelo jeito como vinham  
Era a filha e seu paizinho.  
(Sai do Motel trajando com distinção) Tchau, seu Pivete.

PIVETE - Um momento, senhorita  
Aonde vais com tanta pressa?

MOÇA - Onde vou com tanta pressa  
Vou trabalhar, ora essa. (Sai)

VELHO ROCHA - (Entra e se dirige a Arlindo) Marieta, a minha velha.  
O senhor viu a minha velha?

ARLINDO - Não vi não, meu ancião. Mas vamos fazer o seguinte: o senhor fica sentadinho aqui que eu vou procurar a Dona Marieta para o senhor, tá certo?

VELHO ROCHA - Claro, claro. E diga a ela para me trazer o meu xarope de alcatrão.

VEROCA - (Entrando de bombachas, procurando alguém e falando grosso) Escuta aí vovô. O senhor não viu o xiru Arlindo por aí?

VELHO ROCHA - Arlindo, Arlindo. O Arlindo Orlando?

VEROCA - Deve ser.

VELHO ROCHA - Acho que ele voltou para o seio da sua amada.





ARLINDO - Veroca (Voltando)

VEROCA - Veroca, não, Veroco.

ARLINDO - Sim, claro, Veroco. Mas e daí, tchê, e que que manda?

VEROCA - Vim-te buscar. O Brizola está nos chamando lá no Rio.

ARLINDO - Me chamando pra quê?

VEROCA - Ora, tchê, então tu não sabes? Vamos organizar um entrevero danado e o compadre macanudo velho vai tomar o poder desta indiada que taí.

ARLINDO - Que pucha, tchê. E despôs?

VEROCA - Despôs...bueno, o resto é segredo.

ARLINDO - Mas eu preciso saber, índio velho.

VEROCA - Então, vem cá que eu vou te contar. (Entram no Motel)

VELHO ROCHA - Escute aqui, seu Arlindo, e a minha velha que o senhor..

D. MARIETA - (Entrando) Tô aqui, meu velho, já cansei de te procurar.

VELHO ROCHA - Há quanto tempo a gente não se vê minha velha.

D. MARIETA - Pronto, pronto, pronto. Está aqui o seu xarope de alca-trão. (Dá o xarope ao velho)

VELHO ROCHA - Ah! Minha velha, sem você eu não sei o que seria de mim.

D. MARIETA - Pronto, agora vamos levantar.

VELHO ROCHA - Levantar o quê, Marieta?

D. MARIETA - Levantar, velho, já esqueceste o que é levantar?

VELHO ROCHA - Modere-se, Marieta.

D. MARIETA - Que cabecinha suja é esta, Velho Rocha?

VELHO ROCHA - Marieta. Venha comigo, Marieta, acho que pintou o lance. (Saem às pressas)

D. MARIETA - Que lance, velho?

PIVETE - Desse jeito estou perdido  
E o Motel logo se arrasa  
Até o velho e a velha  
Vão pintar o lance em casa.

MOÇA - (Entrando no Motel) Esqueci o meu batom.

PIVETE - Também essa enloqueceu  
E foi trabalhar num banco  
No Motel ganhava mais  
E não trabalhava tanto.

MOÇA - (Saindo do Motel e dizendo ao guarda)  
Eu não trabalhava tanto  
Mas também valia pouco.

SANTINHA - (Entrando) Bravo moça, é isso aí. É assim que mulher fala.

MOÇA - Foi bom te ver, menina. Eu queria mesmo falar contigo.  
Como é mesmo o teu nome?

SANTINHA - Santinha.

MOÇA - Santinha, que nome bonito. Santinha, em que Cursinho tu estudas?

SANTINHA - No Curso Esperança, por quê?

MOÇA - Esperança?

SANTINHA - É. Esperança de arrumar um emprego depois de formada.

MOÇA - Ah! Sabe o que que é. É uqe eu tô pensando em voltar a estudar, sabe. E a grana está curtíssima.

SANTINHA - Sim, e daí?

MOÇA - Tu não me arrumarias meia bolsa no teu cursinho?





SANTINHA - Claro que sim, Moça. Lá ou em qualquer outro Cursinho que tu quiseses. Todos eles oferecem meia bolsa e até bolsa integral.

MOÇA - E a gente aprende mesmo num Cursinho?

SANTINHA - Muito mais do que em qualquer colégio, minha filha. As aulas dadas com dedicação. Os professores irradiam entusiasmo pra gente. Só não aprende quem não quer.

MOÇA - Que legal!

SANTINHA - Claro, eu por exemplo estou na Escola Normal, concluindo o meu estágio. Tenho cinquenta supervisoras fiscalizando minha vida. Faço plano de curso, plano de bimestre, plano de aula. Relato procedimentos, técnicas, recursos e formas de avaliação. Confeciono pastas, bandeirinhas, até a corda do cadafalso. Viajo hora e meia para chegar ao Grupo Escolar. Dou minha merenda para as crianças. Cato piolhos em suas cabeças. Tudo isso sem ganhar um tostão, é claro. Agora, a matéria para ministrar, essa eu aprendo no Cursinho. Que que tu achas disso?

MOÇA - Que horror.

SANTINHA - É isso aí, minha filha, sem o Cursinho não há salvação.

ARLINDO - (Saindo do Motel com Veroca)

SANTINHA - Arlindo! De novo?

ARLINDO - (Só que desta vez com grandes planos.

VEROCA - Tudo bem, china velha?

SANTINHA - Tudo bem, mas que planos são esses?

ARLINDO - Nós vamos botar o tio Briza lá em cima.

MOÇA - Quem é o tio Briza?

PIVETE - Tio Briza é um cidadão  
Que governou o Rio Grande  
Hoje em dia está no Rio  
E quer governar o Brasil



VEROCA - Despacito, despacito.

VELHO ROCHA - (Entrando de braços com D. Marieta) Despacito, despacito.

SANTINHA - Papai, como o senhor está pálido.

D. MARIETA - Não e nada, filhinha, tranquilize-se.

SANTINHA - (Olhando para a perna de D. Marieta que voltou sem a meia)  
Mamãe, e a sua perna preta?

D. MARIETA - Não ligue, filhinha. É apenas uma questão de Contabilidade  
em dia.

SANTINHA - Con-ta-bi-li-da-de?

D. MARIETA - Deixa pra lá, menina. Você não entende o espírito da coisa.

VEROCA - Quero saber se a gauchada está ou não disposta a amarrá de  
novo os cavalos no obelisco novamente?

VELHO ROCHA - Da massa, chará. Vamos para de marcar bobeira e encará o  
lance.

SANTINHA - Que linguagem é essa, papai?

VELHO ROCHA - Fica fria, menina, cai na real.

ARLINDO - Chi. O coroa pirou de vez.

VELHO ROCHA - Pirou coisa nenhuma. E tem outra. O lance tá frau, sacou?  
E eu tô a fim é de botá pra derreter. Música, maestro!  
(Música gauchesca no ar. Velho dança com D. Marieta, de-  
pois, Arlindo com Santinha, depois Veroca com a Moça)

MORIGERADO - (Da platéia, subindo ao palco) Basta, basta. (Para a mú-  
sica os pares ficam atentos) Eu já compreendi tudo, eu já  
compreendi tudo. E estou agradecido a todos vocês. Vocês  
acabaram de me ensinar uma velha lição que eu desconhecia.





ARLINDO - Nós magoamos o senhor?

D. MARIETA - A gente errou novamente?

VEROCA - O senhor ficou mais triste?

MOÇA - Ou agora está contente?

VELHO ROCHA - Decidiu picar a mula?

SANTINHA - Ou permanecer com a gente?

PIVETE - Irmãozinho complicado, esse seu Morigerado.

MORIGERADO - Nada disso, amigos, é que eu entendi finalmente o espírito da coisa.

HOMENS - Então, fale!

MULHERES - Então, fale!

TODOS - Então, fale!

MORIGERADO - Nós precisamos amae as pessoas como elas são e não como nós gostaríamos que elas fossem. Vocês quiseram me agradar, mas é muito mais importante para mim que todos vocês sejam exatamente como são. Voltem a ser o que sempre foram. Eu vos amarei assim mesmo.

(Com a música subindo, Veroca e A moça vêm para a frente e tiram suas "fantasias" voltando a usarem as roupas anteriores.)

FIM



INTRODUÇÃO



(Aninha entra, senta-se no canto do palco com um ursinho de pelúcia no braços, tira do bolso uma caixinha de música e abre, entra a punk e cortam a música.)

PUNK - Aninha! O pai da Kika tomou um porre e tá lá na esquina do buteco.

ANINHA - Há, vai dizer que tu nunca tomou um porre?

PUNK - Claro que não. A mamãe não deixa, porque eu sou muito pequena.

ANINHA - Deixa de caretice! Essa onda já era. Pô cara! Te moderniza.

PUNK - Ah, vai dizer que eu não estou na modinha?

ANINHA - Qual é meu! Chama esses trapos de roupa?.

PUNK - Ah é! Eu vou contar pra mamãe.

ANINHA - Pode contar ela vai te dar um pau mesmo.

MAE - Qual é o motivo dessa discussão? O Brasil já está cheio de conflitos e vocês procurando mais um.

ANINHA - (Começa a debochar)

MÃE - Olha o respeito menina! Eu sou tua mãe, não tua empregada.

PUNK - Pô, não fala assim com a mamãe.

MÃE - Nós precisamos explorar mais a nossa cultura. (Vira para o público) Ir mais ao teatro. A cultura no Brasil está em decadência.

Hoje iremos assistir a peça "O espírito da Coisa",

interpretada por um grupo amador de estudantes da Escola Mauá.

(Vira-se para as meninas, e olha para o relógio) Olha só, já estamos ensima da hora. Meninas vamos lá!

( A Mãe vai em direção das cortinas, a punk a segue e Aninha também. Aninha volta para buscar o ursinho e a caixinha de música, e volta para junto da mãe. Saem de cena. Abrem-se as cortina e começa o primeiro Ato)





## O ESPIRÍTO DA COISA

COMÉDIA EM DOIS ATOS

**CENÁRIO:** Uma rua qualquer, bem em frente a um Motel.

### PERSONAGENS:

- MORIGERADO - um religioso
- ARLINDO - um jovem moderno de estilo fanfarrão
- VELHO ROCHA - um velhinho tradicional, de chapéu e bengala
- DONA MARIETA - uma velhinha moderna, esposa do Velho Rocha, mãe de Santinha, e usa uma meia preta em uma das pernas
- SANTINHA - uma menina certinha, de uniforme de normalista, crente e estudiosa
- VEROCA - homossexual masculino
- PIVETE - um engraxate, que fica na porta do Motel
- MOÇA - uma prostituta
- MÚSICOS



(Música ao vivo enquanto o pano é aberto. Cantora e violonista interpretam uma canção qualquer. Em cena estão: segundo plano, Arlindo conversando com o Pivete e olhando seguidamente o relógio. Em primeiro plano, está o Morigerado apreciando a interpretação com ar de idiota encantado. Encerrada a música, ele é o que mais aplaude, aproximando-se do casal, falando com sotaque de religioso)

MORIGERADO - Que bonito, que bonito! Palmas, palmas, muitas palmas. Deixem eu apertar a mão de vocês. Eu sou o Morigerado, o que não faz nada errado. Que bonita essa música. Que maravilha! Cantem outra. Cantem aquela: Glória, Glória, aleluia. (os músicos vão-se retirando e tomando a direção do Motel, sem darem bola ao Morigerado.) Glória, Glória, aleluia. (ao dar-se conta de que está só, corre até a porta do Motel gritando) Não, aí não. (Virando-se para Arlindo e agarrando-o) Você viu, meu jovem? Que perdição está o mundo.

ARLINDO - (Esquivando-se) Que isso cara?

MORIGERADO - (Apresentando-se) Eu sou o Morigerado. O que não faz nada errado.

PIVETE - (Sentado contra as costas da cadeira de frente para o público)  
Pobre vida de Pivete  
Nessa porta de Motel  
Enquanto lá todos gozam  
Eu aqui neste papel.

MORIGERADO - (Perguntando a Arlindo) É louco este?

ARLINDO - Louco nada. É que ele é surdo. Então ele fala bem alto para ver se ele mesmo escuta. E o senhor é mori...mori o quê?

MORIGERADO - Morigerado. O que não faz nada errado. Sente-se aqui, meu filho. Vamos ler uns Salmos.

ARLINDO - Que Salmo, que nada, seu refrigerado.

MORIGERADO - Morigerado, filho; Mo-ri-ge-ra-do. UM homem de vida limpa. Um homem puro.

ARLINDO - Só se é pura graxa. (Diz olhando para o corpo do Morigerado)



PIVETE - Se esta rua fosse minha  
Eu mandava ladrilhar  
Com pedaços de navalha  
Só pra turma se lascar



MORIGERADO - (À Arlindo) Como é seu nome meu filho?

ARLINDO - Arlindo

MORIGERADO - Arlindo. Que bonito. Vamos ler os Salmos, Arlindo.

ARLINDO - Que lê Salmo coisa nenhuma. Eu tô esperando a Santinha.

MORIGERADO - Santinha. E quem é Santinha?

ARLINDO - É aminha namorada, ora. Hoje nós vamos fazer a maior porra nesta zorra.  
Quer dizer. A maior zorra nesta porra.

MORIGERADO - Meu filho. Vamos abandonar os espíritos malignos que andam pelo mundo  
para perverterem as almas.

PIVETE - Se eu fosse um peixinho  
Soubesse nadar  
Jogava gelo na turma  
Pra todo mundo broxar.

VELHO ROCHA - (Entrando) Marieta, Marieta. Seu Morigerado, o senhor não viu a minha  
velha Marieta, por aí?

MORIGERADO - Que Marieta, Velho Rocha?

VELHO ROCHA - A Marieta. A que tem uma perna preta. (Saindo) Marieta, Marieta.

MORIGERADO - Então Santinha é a sua namorada?

ARLINDO - É. A gente tá curtindo umas que dentro dumas não tem nenhuma.

MORIGERADO - ( Repete tais palavras confundindo-as)

ARLINDO - É. Eu rasguei a orelha dela, morou!

MORIGERADO - Que horror, filho.

ARLINDO - E ela fez a minha cabeça.

MORIGERADO - Que cabeça, filho?

D. MARIETA - (Entrando em sentido contrário ao Velho Rocha) Meus senhores, meus se-



nhores. Por acaso os senhores não viram o Velho Rocha por aí?



ARLINDO - Eu vi um velho broxa passar por aqui.

MORIGERADO - Dona Marieta, como vai a sua perna preta?

D. MARIETA - Vai bem, seu Morigerado, vai muito bem. (Saindo) Velho Rocha, Velho...

PIVETE - Se Pivete fosse pro céu  
Não iria descansar  
São Pedro ia dar pra ele  
Um sapato pra engraxar

MORIGERADO - Santinha. Santinha deve ser uma... uma Santinha?

ARLINDO - É. Conforme a hora, ela ajoelha e reza.

MORIGERADO - Reza, filho?

ARLINDO - Reza, mas é reza curta.

MORIGERADO - De olhinhos fechados?

ARLINDO - Bem fechados.

MORIGERADO - De boquinha aberta?

ARLINDO - Escancarada.

MORIGERADO - Segurando o livrinho?

ARLINDO - Segurando e mordendo.

MORIGERADO - Mordendo o livrinho?

ARLINDO - Não, quer dizer...ah! Não adianta, tu não entendes o espírito da coisa.

MORIGERADO - Claro que entendo, filho. um espírito magnânimo, iluminado.

ARLINDO - Que iluminado nada. Um espírito ceguinho, bem ceguinho. (olha para o relógio e para os lados à espera de alguém. Vai ao Pivete) Tu não viumesmo uma moça...



PIVETE - Eu vi uma moça loira  
Com um velhinho careca  
Ela queria dinheiro  
E ele uma perereca.

MOÇA - (Sai do Motel, cruza o palco rebolando. Morigerado tapa o rosto.  
Moça sai. Arlindo sai atrás e se pecha com o Velho Rocha)

VELHO ROCHA - Marieta. A minha velha, o senhor, não viu a minha velha?

ARLINDO - (Incomodado) Não, velho bororocha. (Sai)

VELHO ROCHA - Venha cá, venha cá, meu rapaz. (Arlindo volta) Como é mesmo o seu nome?

ARLINDO - Arlindo. Por quê?

VELHO ROCHA - Arlindo Orlando. Volte para o seio de sua amada. Ela espera vê-lo com o pára-choque duro.

MOÇA - (Volta ao palco num desfile e dirige-se ao Morigerado) Fofura, tu tem fogo aí?

MORIGERADO - (Protegendo-se para não cair em tentação) Nem aqui, nem em lugar algum, filha. Meu fósforo já nasceu apagado.

MOÇA - Ah! Bobagem, gordinho. Vamo encarará?

MORIGERADO - Afasta-te de mim, Satanás.

MOÇA - Vem cá, fofura. (Morigerado foge e Moça persegue-o. Pecham-se com Veroca que entra. Dá uma volta humorística e vai ao Morigerado)

VEROCA - Gordinho. Tu não viste o Arlindo por aí?

MORIGERADO - Santinha.

MOÇA - (Dá uma rabanada e entra no motel)

VEROCA - Veroca, gordinho. Então tu não me conhece mais é?

Mas Veroca é nome de mulher, filho.

VEROCA - E tu não entendes o espírito da coisa?

MORIGERADO - Sim, claro! Um espírito magnânimo, iluminado.

ARLINDO - (Entrando) Veroca.

VEROCA - Arlindo. (Abraçam-se e encaminham-se para o Motel).

MORIGERADO- Arlindo. E Santinha?

ARLINDO- Diz pra ela que eu fiquei de cara com ela. (Entram no Motel)

MORIGERADO - (Volta a sentar, sacudindo a cabeça e vai ler)

ELHO ROCHA E D. MARIETA - (Cruzam-se, sem se ver, chamando um pelo outro e param nas extremidades contrárias)

PIVETE - Ser velho é ser mosca tonta  
É tossir e enxergar pouco  
Passa o velho, passa a velha  
E um não enxerga o outro.

VELHOS - (Voltam-se lentamente como se reconhecessem, e falam juntos)

VELHO ROCHA - A senhora não viu...Marieta!

D. MARIETA - O senhor não viu.. Velho Rocha!

VELHO ROCHA - Há quanto tempo a gente não se vê minha velha.

D. MARIETA - É verdade, meu velho. Eu principalmente faz muito tempo que não te vendo mais nada.

VELHO ROCHA - É...minha velha, eu tenho uma pergunta importantíssima para lhe fazer. Onde é que você botou meu xarope de alcatrão?

D. MARIETA - (Modernizando-se) Velho. Cai na real, velho. Vê se te manca. As flores murchas, jamais desabrocharão novamente.

VELHO ROCHA - Minha velha. Não me fale no verbo cair, em coisas que caem. Eu já estou traumatizado com tanta coisa caindo.





D. MARIETA - Eu sei, velho, tu já tá com a flor murcha.

VELHO ROCHA - Que conversa é esta, Marieta? Que linguagem mais testicular.

D. MARIETA - Velho. Tu já tá marcando bobeira. Vê se te flagra, as horas estão passando.

VELHO ROCHA - Mas, Marieta. Eu só quero o meu xarope de alcatrão.

D. MARIETA - Fica frio, velho. Tu já não entendes o espírito da coisa.

VELHO ROCHA - E como é que eu vou entender o espírito da coisa se a minha coisa já nem tem espírito, Marieta?

D. MARIETA - Pode crer. O negócio é esperar que pinte o lance.

VELHO ROCHA - Claro, claro, Marieta. Vamos esperar que pinte o lance. Mas....e eu sei lá o que quer dizer peinte o lance, Marieta?

D. MARIETA - Pinte o lance, velho. O canal, entende? O lance da massa.

VELHO ROCHA - Ah! Sim, da massa. Não entendi nada.

D. MARIETA - Velho, se a gente não se enrolar, não pinta o lance, não fica frau, sacou?

VELHO ROCHA - Sacou, sacou...(Olha pra braguilha) Não Marieta.

D. MARIETA - Que que há? Tá bebum, tá?

VELHO ROCHA - (Sai falando sozinho) Sacou, tá bebum, pinta o lance da massa no canal. Minha velha enloqueceu.

PIVETE - Velho quando fica velho  
Toma chá de manjerona  
- Mas se o velho enrola a língua  
Então nada mais funciona

D. MARIETA - (Ao Morigerado) É triste a velhice, não é, seu Morigerado? (senta desconsolada)

MORIGERADO - Que nada, Dona Marieta. Velhice é experiência, é sabedoria, é estar a dois passos do paríso. (música)





D. MARIETA - Mas o que gente quer com o paraíso, seu Morigerado?

MORIGERADO - Não diga isso, Dona Marieta. No paraíso não há perna preta, os anjinhos cantam canções celestiais que dignificam todos aqueles que, como eu, levam uma vida exemplar, de bons costumes. (Vai baixando a voz com palavras incompreensíveis, e Marieta vai adormecendo enquanto o Morigerado pega novamente o livro)

MOÇA - (Sai do Motel)

VELHO ROCHA - (Entra e acompanha os movimentos da Moça de alto a baixo)

MOÇA - Tirando uma palha, vovô?

VELHO ROCHA - A senhorita é comprometida?

MOÇA - Claro que não, vovô.

VELHO ROCHA - É! Então poderia acompanhar-me até a minha casa?

MOÇA - Vovozinho malandro, não é? E o que é que eu vou fazer na tua casa?

VELHO ROCHA - Me ajudar a procurar o meu xarope de alcatrão que eu não consigo encontrar.

MOÇA - Tolinho. Vem cá comigo que eu tenho um xaropezinho legal pra ti. (Pega o velho pela mão e carrega-o para o Motel)

VELHO ROCHA - Mas eu queria o meu xarope de alcatrão.

PIVETE - (Vai acordar D. Marieta)

Marieta perna preta  
Acorda imediatamente  
Velho Rocha foi tomar  
Um xarope diferente

D. MARIETA - Não se aflijas, meu Pivete  
Comigo está tudo bem  
Se o velho foi-se assanhar  
A gente vai lá também

(Entram no Motel)



MORIGERADO - (Corre até a porta do Motel) Não, não, aí não, Dona Marieta. A senhora vai machucar sua perna preta. (Desistindo) Que mundo. Que mundo.

SANTINHA - (Entra e caminha nervosamente olhando o relógio) Pouco depois saem Arlindo e Veroca abraçados de dentro Motel. Vão saindo de cena) Arlindo?

ARLINDO - Santinha?

VEROCA - Tchau, Arlindão, até amanhã. (Atira beijinhos)

SANTINHA - Arlindo. Como se explica isso?

ARLINDO - É preciso explicar?

SANTINHA - Claro, que precisa. Quem é a figurinha?

ARLINDO - Um amiguinho. Apenas um amiguinho.

SANTINHA - E o que vocês estavam fazendo, dentro de um Motel?

ARLINDO - Discutindo as eleições diretas.

SANTINHA - Isso compete ao Congresso, Arlindo. O professor do Cursinho disse que toda a emenda Constitucional tem de passar pelo Congresso Nacional.

ARLINDO - Bom, mas o povo pode ter opinião, não pode?

SANTINHA - O professor de Cursinho disse que em toda história brasileira os acordos são sempre feitos pelas elites. O povo sempre fica de fora, pois não tem esclarecimento e é muito violento.

ARLINDO - Mas o governo está disposto a negociar.

SANTINHA - Mas nós devemos evitar os conflitos, porque o nosso professor de Física disse que a toda ação corresponde uma reação igual a contrária.

ARLINDO - Chega. Já tô cheio de ouvir falar em professor de Cursinho, tá legal?

SANTINHA - Arlindo, não te irrites. O professor Carvalho de Biologia disse que a irritação consome adrenalina.

ARLINDO - Pois pra mim esse tal de Carvalho é veado, tá?

ANTINHA - Não é, não. Ele e o Lessa são tri-legal.

ARLINDO - É tudo uma cambada de safado.

ANTINHA - Menos o professor Pedro de Português. Este só usa linguagem erudita.

ANTINHA - Tá legal, Santinha. Vamos parar com a briga tá? Tu sabes que eu te amo, né?

ANTINHA - Só se declameres uma poesia romântica como o meu professor de Literatura.

ARLINDO - Eu não sei declamar.

SANTINHA - És calculista como meu professor de Matemática.

ARLINDO - Tá bom, tá bom, esquece. Porque demoraste tanto?

ANTINHA - É que o papai e a mamãe não estão em casa e eu não tinha ordem para sair.

ARLINDO - E onde é que eles estão agora?

SANTINHA - Devem estar na sociedade dos velhinhos caridosos.

ARLINDO - (Olhando para o Motel) Será?

SANTINHA - Claro que sim. E vamos sair desta esquina horrorosa. O irmão Morigerado sempre diz que esta é a esquina do pecado.

ARLINDO - O irmão Morigerado não me disse que ti conhecia. Eu falei com ele há pouco.

SANTINHA - Por certo esqueceu. Vamos embora.





ARLINDO - Tu não queres entrar um pouquinho neste templo?

SANTINHA - Não.

ARLINDO - Ah! vamos. Só um pouquinho.

SANTINHA - Não. Papai e mamãe já devem estar à minha espera.

ARLINDO - (Olha para o Motel novamente) Será?

SANTINHA - Claro que sim. O Velho Rocha e Dona Marieta não jantam enquanto eu não chego em casa.

(Saem do Motel Marieta e o Pivete também às gargalhadas)

SANTINHA - Mamãe! Que fazes aqui?

D. MARIETA - Nada, nada, filhinha. Eu só vim aqui ensinar uma homeopatia para o Pivete aqui.

SANTINHA - Mamãe. Como, tu és generosa. Até esqueces que o tratamento homeopático ainda não superou o alopático.

D. MARIETA - Eu sei, filhinha. Mas o homeopático é mais económico.

SANTINHA - Mamãe. Economia se faz com a prevenção e não com terapia.

D. MARIETA - Está bem, filhinha. Então vamos embora.

ARLINDO - Pera aí. E eu como é que fico?

D. MARIETA - Quem é o senhor?

ARLINDO - Seu vizinho de quarto aí no...

D. MARIETA - (Tapa a boca de Arlindo)

SANTINHA - Mamãe. Esse é Arlindo, meu confrade.

ARLINDO - Teu o quê?

SANTINHA - Meu confrade, meu colega.





PIVETE - (Entra no Motel)

D. MARIETA - Está muito bem, filhinha. Mas vamos embora que o Velho Rocha deve estar nos esperando para o jantar.

SANTINHA - Sim, mamãe, vamos.

PIVETE - (Saindo do Motel)  
Seu Arlindo, seu Arlindo  
Venha cá me socorrer  
Se não andarmos depressa  
O velhinho vai morrer

ARLINDO - (Entra com o guarda no Motel e saem em seguida carregando o Velho Rocha numa maca. As mulheres vão ajudar)

SANTINHA - Papai, que foi que houve, papai?

VELHO ROCHA - Ai, filhinha, fui atropelado por um V8.

MOÇA - (Sai do Motel e vem até a ribalta)  
Não foi nada, não. Apenas uma dose dupla do xarope de alcatrão.

(Fecha o pano com o Velho Rocha sentado na maca, abandonando-se com o chapéu, sob olhares estupefatos de todos.)

FIM DO PRIMEIRO ATO



(O cenário é o mesmo. Em cena, está o Morigerado com malas, guarda-chuva e apetrechos de viagem. Ele demonstra uma certa desolação. Os músicos cruzam o palco, cumprimentam-no e ele mal responde com um abano desinteressado, enquanto ajeita os apetrechos.)

MORIGERADO - O mundo está perdido. Vou embora desta cidade pe caminosa.

(Pede carona. Um carro passa, ele acompanha a passagem com movimento de cabeça da esquerda para a direita. Entra Arlindo, fica à sua direita. A cena do carro se repete com a solidariedade de Arlindo. Entra o Velho Rocha, idem. Entra o Pivete idem. Do quinto para o sexto carro, a Moça cruza o palco em sentido contrário ao do carro, fazendo com que os três alterem o sentido do movimento da cabeça em relação ao Morigerado. Os três saem atrás da Moça, parando à esquerda do palco. Veroca junta-se ao grupo. O Pivete vai para seu lugar. O Morigerado sozinho, inverte os movimentos ao pedir carona. Repete-se a cena com Dona Marieta, a Cantora, a Moça. Quem cruza o palco em sentido contrário agora é o músico. Repete-se a cena com as mulheres saindo atrás dele e parando à direita do palco. Santinha junta-se ao grupo.) O mundo está perdido, ninguém me dá ouvido.

PIVETE - Que coisa absurda  
O que acontece agora  
A peça recomeça  
E o irmão já vai embora.

ARLINDO - Por que ficar zangado, irmão Morigerado?

MORIGERADO - O mundo está perdido, ninguém me dá ouvido.

SANTINHA - Irmão fique com a gente, procure estar contente.



VELHO ROCHA - É mesmo, irmão, desista, é perigosa a pista.

MORIGERADO - Eu quero ir embora, chegou a minha hora.

D. MARIETA - Irmão, que teimosia, lá fora a noite é fria.

VEROCA - E a noite fria da vida faz muito mal pra hexiga.

MORIGERADO - O mundo está perdido, ninguém me dá ouvido.

MOÇA - Ir embora é besteira, sempre vai haver sujeira.

SANTINHA - A sujeira a gente limpa com vassoura e boa tinta.

MORIGERADO - Quero ir embora, chegou a minha hora.

VELHO ROCHA - Porque o senhor não fica e assume a sua luta?

MORIGERADO - Pra ver velho se assanhando em Motel com prostituta?

MOÇA - (Velho saindo) Prostituta uma ova, profissional do prazer.

MORIGERADO - Que profissional seria quem vergonha não quer ter.

ARLINDO - (Moça saindo) Um pastor não abandona suas pobres ovelhinhas.

MORIGERADO - Nunca falta bom com pena das coitadinhas.

D. MARIETA - (Arlindo saindo) Teu dever de religioso te obriga a ficar conosco.

MORIGERADO - Seu dever de velhotinha é lá perto da cozinha.

VEROCA - (Marieta saindo) Que tolice, irmão Morigerado, solte o guarda-chuva aqui.

MORIGERADO - Guarda-chuva nesta idade é a tua especialidade?

PIVETE - (Veroca saindo) É bom que o irmão se vá e pare de atrapalhar.



MORIGERADO - E é bom que o menino resolva tratar de dormir na alcova.

SANTINHA - (Aproxima-se do irmão, enquanto os músicos assumem a posição inicial do primeiro ato) Meu irmão Morigerado, permaneça ao nosso lado.

MORIGERADO - Não adianta, Santinha, e a culpa não é minha.

SANTINHA - Mas, irmão, todos nós estimamos muito o senhor. Ninguém deseja que o senhor vá. Ao contrário, todos desejamos que o senhor fique. E isso é prova de uma grande amizade.

MORIGERADO - Se todos fossem meus amigos, ouviriam meus apelos.

SANTINHA - Mas nós ouvimos, irmão, pode crer.

MORIGERADO - Não sei quando.

SANTINHA - Sempre.

MORIGERADO - Ouvem nada, a devassidão tomou conta dessa gente.

SANTINHA - Não seja ingrato, irmão.

MORIGERADO - Ah! E eu é que sou ingrato, é?

SANTINHA - É claro, irmão. Todos aqui são pessoas de bem, moralistas.

MORIGERADO - (Com a mão sobre a cabeça de Santinha) Claro, filha, claro.

SANTINHA - E não são, irmão? Olhe, o senhor quer ver como eles são pessoas de bem e adoram o senhor de verdade? Venha comigo. (Descem para a platéia) Olha, o senhor vai ficar sentadinho aqui me esperando enquanto eu vou lá dar uma palavrinha rápida com a turma já volto, tá? (Sobe ao palco) Não saia daí. (Sai de cena, enquanto os músicos cantam uma nova canção. Terminada a música, saem os músicos, entra Arlindo, e se dirige ao Pivete.)



ARLINDO - Caríssimo engraxate deste antro de prazeres indecentes..

PIVETE - Que quereis, caro mancebo  
Em que vos posso ser útil  
Em que vos pode ajudar  
Esta pobre coisa fútil?



ARLINDO - Poderíeis dizer-me se vistes minha angelical namorada?  
Uma moça...(Repete as características da moça) uniforme azul anil, pelo amor do meu Brasil.

PIVETE - Eu vi uma moça loira  
Com um velhinho baixinho  
Pelo jeito como vinham  
Era a filha e seu paizinho.  
(Sai do Motel trajando com distinção) Tchau, seu Pivete.

PIVETE - Um momento, senhorita  
Aonde vais com tanta pressa?

MOÇA - Onde vou com tanta pressa  
Vou trabalhar, ora essa. (Sai)

VELHO ROCHA - (Entra e se dirige a Arlindo) Marieta, a minha velha.  
O senhor viu a minha velha?

ARLINDO - Não vi não, meu ancião. Mas vamos fazer o seguinte: o senhor fica sentadinho aqui que eu vou procurar a Dona Marieta para o senhor, tá certo?

VELHO ROCHA - Claro, claro. E diga a ela para me trazer o meu xarope de alcatrão.

VEROCA - (Entrando de bombachas, procurando alguém e falando grosso) Escuta aí vovô. O senhor não viu o xiru Arlindo por aí?

VELHO ROCHA - Arlindo, Arlindo. O Arlindo Orlando?

VEROCA - Deve ser.

VELHO ROCHA - Acho que ele voltou para o seio da sua amada.



ARLINDO - Veroca (Voltando)

VEROCA - Veroca, não, Veroco.

ARLINDO - Sim, claro, Veroco. Mas e daí, tchê, e que que manda?

VEROCA - Vim-te buscar. O Brizola está nos chamando lá no Rio.

ARLINDO - Me chamando pra quê?

VEROCA - Ora, tchê, então tu não sabes? Vamos organizar um entrevero danado e o compadre macanudo velho vai tomar o poder desta indiada que taí.

ARLINDO - Que pucha, tchê. E despôs?

VEROCA - Despôs...bueno, o resto é segredo.

ARLINDO - Mas eu preciso saber, índio velho.

VEROCA - Então, vem cá que eu vou te contar. (Entram no Motel)

VELHO ROCHA - Escute aqui, seu Arlindo, e a minha velha que o senhor..

D. MARIETA - (Entrando) Tô aqui, meu velho, já cansei de te procurar.

VELHO ROCHA - Há quanto tempo a gente não se vê minha velha.

D. MARIETA - Pronto, pronto, pronto. Está aqui o seu xarope de alcatrão. (Dá o xarope ao velho)

VELHO ROCHA - Ah! Minha velha, sem você eu não sei o que seria de mim.

D. MARIETA - Pronto, agora vamos levantar.

VELHO ROCHA - Levantar o quê, Marieta?

D. MARIETA - Levantar, velho, já esqueceste o que é levantar?

VELHO ROCHA - Modere-se, Marieta.

D. MARIETA - Que cabecinha suja é esta, Velho Rocha?

VELHO ROCHA - Marieta. Venha comigo, Marieta, acho que pintou o lance. (Saem às pressas)



D. MARIETA - Que lance, velho?

PIVETE - Desse jeito estou perdido  
E o Motel logo se arrasa  
Até o velho e a velha  
Vão pintar o lance em casa.

MOÇA - (Entrando no Motel) Esqueci o meu batom.

PIVETE - Também essa enloqueceu  
E foi trabalhar num banco  
No Motel ganhava mais  
E não trabalhava tanto.

MOÇA - (Saindo do Motel e dizendo ao guarda)  
Eu não trabalhava tanto  
Mas também valia pouco.

SANTINHA - (Entrando) Bravo moça, é isso aí. É assim que mulher fala.

MOÇA - Foi bom te ver, menina. Eu queria mesmo falar contigo.  
Como é mesmo o teu nome?

SANTINHA - Santinha.

MOÇA - Santinha, que nome bonito. Santinha, em que Cursinho tu estudas?

SANTINHA - No Curso Esperança, por quê?

MOÇA - Esperança?

SANTINHA - É. Esperança de arrumar um emprego depois de formada.

MOÇA - Ah! Sabe o que que é. É uqe eu tô pensando em voltar a estudar, sabe. E a grana está curtíssima.

SANTINHA - Sim, e daí?

MOÇA - Tu não me arrumarias meia bolsa no teu cursinho?

SANTINHA - Claro que sim, Moça. Lá ou em qualquer outro Cursinho que tu quiseres. Todos eles oferecem meia bolsa e até bolsa integral.



MOÇA - E a gente aprende mesmo num Cursinho?

SANTINHA - Muito mais do que em qualquer colégio, minha filha. As aulas dadas com dedicação. Os professores irradiam entusiasmo pra gente. Só não aprende quem não quer.

MOÇA - Que legal!

SANTINHA - Claro, eu por exemplo estou na Escola Normal, concluindo o meu estágio. Tenho cinquenta supervisoras fiscalizando minha vida. Faço plano de curso, plano de bimestre, plano de aula. Relato procedimentos, técnicas, recursos e formas de avaliação. Confeciono pastas, bandeirinhas, até a corda do cadafalso. Viajo hora e meia para chegar ao Grupo Escolar. Dou minha merenda para as crianças. Cato piolhos em suas cabeças. Tudo isso sem ganhar um tostão, é claro. Agora, a matéria para ministrar, essa eu aprendo no Cursinho. Que que tu achas disso?

MOÇA - Que horror.

SANTINHA - É isso aí, minha filha, sem o Cursinho não há salvação.

ARLINDO - (Saíndo do Motel com Veroca)

SANTINHA - Arlindo! De novo?

ARLINDO - (Só que desta vez com grandes planos.

VEROCA - Tudo bem, china velha?

SANTINHA - Tudo bem, mas que planos são esses?

ARLINDO - Nós vamos botar o tio Briza lá em cima.

MOÇA - Quem é o tio Briza?





- PIVETE - Tio Briza é um cidadão  
Que governou o Rio Grande  
Hoje em dia está no Rio  
E quer governar o Brasil
- VEROCA - Despacito, despacito.
- VELHO ROCHA - (Entrando de braços com D. Marieta) Despacito, despacito.
- SANTINHA - Papai, como o senhor está pálido.
- D. MARIETA - Não e nada, filhinha, tranquilize-se.
- SANTINHA - (Olhando para a perna de D. Marieta que voltou sem a meia)  
Mãe, e a sua perna preta?
- D. MARIETA - Não ligue, filhinha. É apenas uma questão de Contabilidade  
em dia.
- SANTINHA - Con-ta-bi-li-da-de?
- D. MARIETA - Deixa pra lá, menina. Você não entende o espírito da coisa.
- VEROCA - Quero saber se a gauchada está ou não disposta a amarrá de  
novo os cavalos no obelisco novamente?
- VELHO ROCHA - Da massa, chará. Vamos para de marcar bobeira e encará o  
lance.
- SANTINHA - Que linguagem é essa, papai?
- VELHO ROCHA - Fica fria, menina, cai na real.
- ARLINDO - Chi. O coroa pirou de vez.
- VELHO ROCHA - Pirou coisa nenhuma. E tem outra. O lance tá frau, sacou?  
E eu tô a fim é de botá pra derreter. Música, maestro!  
(Música gauchesca no ar. Velho dança com D. Marieta, de-  
pois, Arlindo com Santinha, depois Veroca com a Moça)
- MORIGERADO - (Da platéia, subindo ao palco) Basta, basta. (Para a mú-  
sica os pares ficam atentos) Eu já compreendi tudo, eu já  
compreendi tudo. E estou agradecido a todos vocês. Vocês  
acabaram de me ensinar uma velha lição que eu desconhecia.